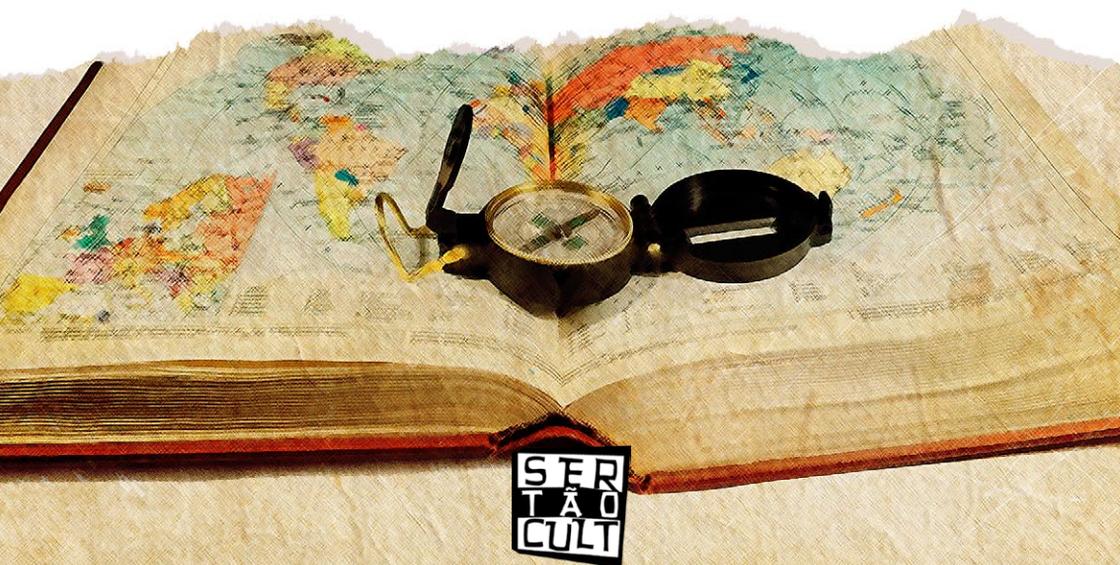


RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS
CRISTINA MARIA COSTA LEITE
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO
CLÉZIO DOS SANTOS
(ORG.)



FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO



SE
TÃO
CULT



Raimundo Lenilde de Araújo
Universidade Federal do Piauí (UFPI)



Maria Francineila Pinheiro dos Santos
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



Cristina Maria Costa Leite
Universidade de Brasília (UnB)



Marcileia Oliveira Bispo
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



Clézio dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(UFRRJ)

FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

RAIMUNDO LENILDE DE ARAÚJO
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS
CRISTINA MARIA COSTA LEITE
MARCILEIA OLIVEIRA BISPO
CLÉZIO DOS SANTOS
(ORG.)

FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE GEOGRAFIA E O LIVRO DIDÁTICO

Sobral-CE
2021



Formação docente, ensino de geografia e o livro didático

© 2021 copyright by Raimundo Lenilde de Araújo, Maria Francineila Pinheiro dos Santos, Cristina Maria Costa Leite Marcileia Oliveira Bispo e Clézio dos Santos, (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes

Alisson Slider do Nascimento de Paula

Ana Paula Pinho Pacheco Gramata

Antonio Adílio Costa da Silva

Francisco Ari de Andrade

Irineu Soares de Oliveira Neto

Isorlanda Caracristi

Marcelo de Oliveira Moura

Maria Artemis Ribeiro Martins

Paulo Rogério de Freitas Silva

Paulo Sérgio Cunha Farias

Sandra Liliانا Mansilla

Vanda Carneiro de Claudino Sales

Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Francisco Taliba

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967

F723	Formação docente, ensino de geografia e o livro didático / Raimundo Lenilde de Araújo ... [et al.]. (Organizadores.). – Sobral, CE: Sertão Cult, 2021. 526p. ISBN: 978-65-87429-99-1 - e-book - pdf ISBN: 978-85-67960-39-5 - papel Doi: 110.35260/87429991-2021 1. Formação docente. 2. Ensino de Geografia. 3. Geografia- Didática. 4. Geografia- Livro didático. 5. Geografia- Docência. I. Araújo, Raimundo Lenilde de. II. Santos, Maria Francineila Pinheiro dos. III. Leite, Cristina Maria Costa. IV. Bispo, Marcileia Oliveira. V. Santos, Clézio. VI. Título.
------	--

CDD 371.3
371.12



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

APRESENTAÇÃO 11

Doi: 10.35260/87429991p.17-30.2021

AFINAL, PARA QUEM SERVE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO? 17

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.31-44.2021

AUTORES DE LIVROS PARA PROFESSORES DE GEOGRAFIA ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1940..... 31

JANETE REGINA DE OLIVEIRA

Doi: 10.35260/87429991p.45-54.2021

BIOMA CAATINGA: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE PATOS-PB 45

TELMA GOMES RIBEIRO ALVES

ROSEMERI MELO E SOUZA

DIÓGENES FÉLIX DA SILVA COSTA

Doi: 10.35260/87429991p.55-67.2021

CIÊNCIA DA MORFOLOGIA DE GOETHE: O ARQUÉTIPO E A FORMAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E METODOLÓGICA DA GEOGRAFIA 55

ANTONIO CARLOS VITTE

Doi: 10.35260/87429991p.69-82.2021

CRIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS PARA UM ENSINO DE GEOGRAFIA INTERATIVO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS..... 69

JAQUELINE MACHADO VIEIRA

REINALDO DOS SANTOS

Doi: 10.35260/87429991p.83-97.2021

DECOLONIALIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA RELEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO 83

RODRIGO CAPELLE SUESS

ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.99-113.2021

**DOCÊNCIA COMPARTILHADA E ENSINO DE GEOGRAFIA:
REFLEXÕES E PRÁTICAS NA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO DE SÃO PAULO/SP99**

ALEX MARIGHETTI

Doi: 10.35260/87429991p.115-127.2021

**EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AMBIENTAL: PROPOSTAS E
DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NO MUNICÍPIO
DE CORUMBATAÍ-SP 115**

ÉDER RODRIGO VARUSSA

Doi: 10.35260/87429991p.129-143.2021

**EDUCAÇÃO, LIVRO DIDÁTICO E O PROFESSOR CRÍTICO-
REFLEXIVO: POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAR A
PRÁTICA DOCENTE..... 129**

HUGO DE CARVALHO SOBRINHO

Doi: 10.35260/87429991p.145-159.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LOCAL: O CASO DA
EXPANSÃO URBANA NA ZONA SUL DE ILHÉUS/BA 145**

ELISÂNGELA ROSEMERI MARTINS SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.161-174.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO:
FORTALECIMENTO E (RE)CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO
CAMPONÊS 161**

EDUARDO HENRIQUE MODESTO DE MORAIS

Doi: 10.35260/87429991p.175-187.2021

**ENSINO DE GEOGRAFIA E REALIDADE SOCIOESPACIAL
NAS CIDADES CAPITALISTAS: CONDIÇÕES DESIGUAIS,
ACESSO À MORADIA E PRECARIEDADE DO HABITAR... 175**

GILSELIA LEMOS MOREIRA

Doi: 10.35260/87429991p.189-201.2021

**ESTATUTO DA CIDADE COMO TEMÁTICA PEDAGÓGICA
NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 189**

RICARDO JOSÉ GONTIJO AZEVEDO

Doi: 10.35260/87429991p.203-213.2021

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA
USP PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA
PAULISTA (1934-1960) 203**

MÁRCIA CRISTINA DE OLIVEIRA MELLO

Doi: 10.35260/87429991p.215-228.2021

GEOGRAFIA URBANA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O ESPAÇO URBANO DO DF E ENTORNO COMO POSSIBILIDADE DE REFERÊNCIA AO ENSINO NOS LIVROS DIDÁTICOS..... 215

RICARDO CHAVES DE FARIAS
MARIANA REZENDE SOUZA

Doi: 10.35260/87429991p.229-240.2021

IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DOCENTE ACERCA DO LUGAR DO/A ESTUDANTE: O ENSINO DA GEOGRAFIA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA..... 229

HENRIQUE RODRIGUES TORRES

Doi: 10.35260/87429991p.241-251.2021

LICENCIATURAS DE GEOGRAFIA NO ESTADO DE SÃO PAULO: MOVIMENTOS HISTÓRICOS, PROCESSOS FORMATIVOS E PERSPECTIVAS 241

ANDRÉ LUÍS MESSETTI CHRISTOFOLETTI
DIEGO CORREA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.253-265.2021

METODOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O EDUCANDO SURDO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE TERESINA-PI..... 253

ELAYNE CRISTINA ROCHA DIAS

Doi: 10.35260/87429991p.267-281.2021

MOBILIDADE E PRECARIZAÇÃO DOCENTE NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO..... 267

GLEYCE ASSIS DA SILVA BARBOSA

Doi: 10.35260/87429991p.283-294.2021

MODELOS DE SIMULAÇÕES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA..... 283

ALEXANDRE DOS SANTOS DA ROSA

Doi: 10.35260/87429991p.295-308.2021

NOVO ENSINO MÉDIO E OS DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS LOCALIZADAS NO CAMPO DO MUNICÍPIO DE JATAÍ/GO..... 295

TATIANE RODRIGUES DE SOUZA
EVANDRO CÉSAR CLEMENTE

Doi: 10.35260/87429991p.309-322.2021

**OBSTÁCULOS EPISTEMOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO 309**

LEONARDO FERREIRA FARIAS DA CUNHA
ALCINÉIA DE SOUZA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.323-339.2021

**PARA BOM PROVEDOR UMA PLATAFORMA MOODLE
BASTA: ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS
VIRTUAIS NA FORMAÇÃO EM EaD 323**

DÉBORA GASPAR SOARES

Doi: 10.35260/87429991p.341-354.2021

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE EM NÍVEL
SUPERIOR DO PRONERA E PROCAMPO:
CEGEO E LEDUC 341**

RODRIGO SIMÃO CAMACHO

Doi: 10.35260/87429991p.355-368.2021

**POR UMA BASE DE CONHECIMENTOS DOCENTES: AS
CONTRIBUIÇÕES DE L. S. SHULMAN NA DISCUSSÃO DO
PROFISSIONAL PROFESSOR DE GEOGRAFIA 355**

VALÉRIA RODRIGUES PEREIRA
CLAUDIVAN SANCHES LOPES

Doi: 10.35260/87429991p.369-383.2021

**PRÁTICAS DE CARTOGRAFIA E ASTRONOMIA EM SALA DE
AULA: TRAJETÓRIA FORMATIVA DURANTE UM ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DE GEOGRAFIA 369**

DIEGO MAGUELNISKI

Doi: 10.35260/87429991p.385-399.2021

**PRÁTICAS FORMATIVAS E DIFERENTES ESTRATÉGIAS
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS 385**

DIEGO CORREA MAIA
ANA CLAUDIA NOGUEIRA MAIA

Doi: 10.35260/87429991p.401-412.2021

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA:
ANÁLISES DA CONTEMPORANEIDADE 401**

ÂNGILENE DE FÁTIMA FERREIRA ANDRADE

Doi: 10.35260/87429991p.413-424.2021

**RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E PENSAMENTO ESPACIAL:
UMA ANÁLISE APLICADA À BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR – ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS 413**

DENISE MOTA PEREIRA DA SILVA

Doi: 10.35260/87429991p.425-438.2021

**REFLEXÕES SOBRE O USO DA TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: OBSTÁCULOS NA
PRÁTICA DOCENTE..... 425**

ANA PAULA PINHO PACHÊCO GRAMATA

Doi: 10.35260/87429991p.439-452.2021

**O SABER EXPERIENCIAL NO CONTEXTO DAS
POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
DO DOCENTE EM GEOGRAFIA 439**

BALTASAR FERNANDES GARCIA FILHO

Doi: 10.35260/87429991p.453-466.2021

**TENDÊNCIAS DA PESQUISA GEOGRÁFICA:
O USO DA CATEGORIA PAISAGEM NOS TRABALHOS
DO EGAL (1987 A 2017)..... 453**

LARISSA DONATO

BRUNA MORANTE LACERDA MARTINS

Doi: 10.35260/87429991p.467-478.2021

**USO DO LIVRO DIDÁTICO E O AGRINHO:
UMA COMPREENSÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO
A PARTIR DO LUGAR..... 467**

THIARA GONÇALVES CAMPANHA

APRESENTAÇÃO

A pesquisa em Geografia, nos núcleos de pós-graduação das universidades brasileiras, cresceu expressivamente no início do Século XXI em decorrência da implementação de políticas públicas educacionais voltadas ao ensino superior. Nesse contexto, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) promoveu, com regularidade, encontros nacionais orientados à divulgação científica na área e a decorrente discussão dessa.

Historicamente a ANPEGE promoveu treze Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ENANPEGE (desde 1995), eventos que mobilizaram centenas de pesquisadores para a apresentação/discussão de suas pesquisas em grupos de trabalhos temáticos associadas às grandes áreas da ciência geográfica: Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia. Nesse escopo merece destaque a inserção das questões relativas ao ensino, aprendizagem e formação de professores de Geografia, que apareceu pela primeira vez em 2007 no VII ENANPEGE, organizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Desse modo, as questões referentes à educação geográfica, denominadas como Ensino de Geografia, foram encaminhadas no âmbito de um grupo temático nos ENANPEGEs dos anos 2007 até 2013, que congregou não somente geógrafos, mas, também, professores de Geografia, que buscavam na qualificação em nível de pós-graduação, a oportunidade para discutir questões relativas à sua prática, formação, problemas, desafios no exercício da profissão, entre inúmeras outras temáticas.

Porém, no contexto das políticas públicas educacionais implementadas ao ensino superior, pode-se afirmar, resumidamente, que o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI) aumentou o número de universidades públicas federais no território nacional, desconcentrando-as para todas as regiões brasileiras; por meio da criação de novos campi de instituições já consolidadas, bem como novas instituições; que resultaram na ampliação da oferta de vagas, para além dos tradicionais centros metropolitanos, em novos cursos e modalidades (presencial e à distância), mas, sobretudo, nas licenciaturas. Do mesmo modo, os programas de pós-graduação foram incrementados com novas linhas de pesquisa, inclusive com a emergência das questões referentes à educação geográfica e resultaram no aumento de pesquisas relacionadas aos temas vinculados à Formação Docente e ao Ensino de Geografia.

Tais situações justificam, em parte, a participação de professores de Geografia da Educação Básica nos eventos promovidos pela ANPEGE, principalmente em virtude de sua participação na pós-graduação, nas temáticas relativas à educação geográfica. Além disso, as questões vinculadas ao tema começaram a consolidar uma nova área de especialização: a Geografia Escolar.

O impacto dessa situação é visível quando se analisa a quantidade de grupos de trabalho nos encontros nacionais organizados pela ANPEGE. De 1 grupo criado no VII ENANPEGE em Niterói/RJ em 2007, passamos para 6 grupos de trabalho (GTs) em 2019. São eles: Cartografia Escolar; Educação Geográfica e Formação de Professores; Ensino de Geografia; Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático; Linguagens e Educação Geográfica, e Teoria e Método na Educação Geográfica. Há de se ressaltar, também, que o número de inscritos nos grupos da educação é significativo e atestou um crescimento paulatino e progressivo de pesquisadores, o que evidencia a importância crescente da temática, nos fóruns nacionais de pesquisa em Geografia.

A organização dos Grupos de Trabalho (GTs) tem por objetivo garantir a pluralidade dos diferentes grupos de pesquisa e dos diferentes programas de pós-graduação, bem como estabelecer uma rede interinstitucional como forma de subsidiar o fortalecimento de redes de pesquisa em Geografia no país. Dessa forma, o GT 16 se constitui em uma rede a partir da afinidade de pesquisa e afinidade temática, ou seja, uma rede não institucionalizada, mas uma rede de várias perspectivas da Formação Docente e do Ensino de Geografia.

Atentos a esse movimento, foi proposto em 2017 o GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático, que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na edição subsequente, foi mantida a proposta e novos pesquisadores passaram a compor o Grupo de Trabalho, que fez parte da programação do XIII ENANPEGE, organizado na Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, USP, em São Paulo/SP.

Em 2019, o GT - Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático propôs a análise das distintas relações e articulações entre a formação docente em Geografia e a Geografia Escolar, assim

como a inter-relação entre o ensino de Geografia e a utilização do livro didático, no âmbito da Educação Básica.

Além disso, foi realizada a discussão acerca dos Projetos pedagógicos nos cursos de licenciatura em Geografia e suas implicações na formação inicial docente, bem como a análise da formação de professores a partir de referenciais teóricos afins, concepções curriculares contemporâneas e a legislação brasileira destinada a esse processo, em especial a BNCC e as novas orientações ao Ensino Médio.

Nesse contexto, discutiu-se a importância e os desafios do estágio supervisionado para a formação inicial comprometida com os anseios da docência na contemporaneidade, além da prática profissional dos professores de Geografia da educação básica e os novos desafios dessa profissão. Mas, também, foi pensado a discussão sobre o livro didático, seu papel no ensino de Geografia e sua prevalência como um dos principais recursos didáticos utilizados no ensino dessa disciplina. A utilização do Livro Didático em tablets, e-books e similares.

Na atualidade, os distintos recursos didáticos encontram-se disponíveis por meio de aplicativos e mídias digitais, os quais vem sendo cada vez mais utilizados na Geografia Escolar. Vale salientar que esses recursos possibilitam diversos caminhos a serem trilhados na formação inicial e continuada, propiciando um processo de ensino aprendizagem que visa atender às demandas do mercado e o desenvolvimento do conhecimento científico e acadêmico.

Assim, dada a qualidade técnica dos trabalhos apresentados e movidos pela necessidade de fortalecer a discussão sobre a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro Didático, foi sugerido e decidido pela comissão organizadora do GT a organização de um livro com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a

rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras. Este livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar.

Boa leitura!

Prof. Dr. Raimundo Lenilde de Araújo (UFPI)

Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (UFAL)

Profa. Dra. Cristina Maria Costa Leite (UnB)

Profa. Dra. Marcileia Oliveira Bispo (UFT)

Prof. Dr. Clézio dos Santos (UFRRJ)

GT Formação Docente, Ensino de Geografia e o Livro Didático

MODELOS DE SIMULAÇÕES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Alexandre dos Santos da Rosa

E-mail: alexandresr21@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5189279350165900>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3193-4004>

Introdução

Diante de cenários complexos, sobretudo no que tange a escalas globais, por vezes fica um tanto quanto abstrata a abordagem de questões geopolíticas no ensino básico, até mesmo no Ensino Médio, ainda mais quando se busca inserir países periféricos em discussões e questões geopolíticas, pois esses países não estão na mídia, sua população e problemáticas são na maioria das vezes invisibilizados. Além disso, Kaercher *et al.*(2003) diz que é no ensino médio o momento que se deve consolidar, complementar e aprofundar os conteúdos que foram desenvolvidos no Ensino Fundamental.

Posto tal desafio, inspirado em uma experiência ocorrida na UFRGS¹, mais especificamente ao evento UFRGS MUNDI², que foi muito significativo para a maioria dos estudantes do Colégio no ano anterior, 2017, acabamos por criar uma simulação interna para estudantes da segunda série do Ensino Médio do Colégio Mãe de Deus – Porto Alegre/RS. A simulação foi realizada durante o segundo semestre de 2018 com as Turmas 201 e 202 (Ensino

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 O UFRGS MUNDI é um projeto de simulação da Organização das Nações Unidas voltada a alunos do Ensino Médio de todo o Rio Grande do Sul.

Médio), experiência denominada MD MUNDI, a qual contou com pesquisa sobre o tema “O combate à corrupção e o fortalecimento das democracias fragilizadas na América”. Para isso, cada delegação, que representava um dos 35 países que compõem a OEA³ e era composta por dois alunos – os “delegados” –, estudou previamente sobre os países e regras para que ocorresse a simulação. Eles deveriam pautar a discussão e proposições a partir da busca pela minimização das fraudes eleitorais, das fraudes nas urnas, de fraudes midiáticas e da fiscalização eleitoral. Cabe destacar que, por ser uma escola privada, favorece esse tipo de formato, pois contamos tanto com recursos físicos quanto com humanos para a realização da simulação.

Seguindo a ideia de aprofundamento e aplicabilidade dos conhecimentos, essa modalidade de simulação de conferências permite que vários fóruns, nacionais e internacionais, possam ser simulados, adequados a diferentes estruturas e realidades. Escolheu-se a OEA e o tema por ser um assunto da contemporaneidade e por ser uma temática que apresenta bastante instabilidade em nosso continente. Pensou-se, também, por ser uma excelente oportunidade para que não fossem destacados apenas países centrais e que fosse possível dar evidência, especialmente, para países da América Latina. Essa experiência faz com que os alunos se coloquem sob a ótica de realidades periféricas, mergulhe na produção das desigualdades e, ao mesmo tempo, imbuí-los na tentativa de propor soluções frente aos problemas que assolam a maioria dos países, levando em conta que precisam negociar a partir da lógica dos fatos, conhecimentos, argumentos e documentação do que foi produzido.

Assim sendo, o projeto MD MUNDI corrobora com a lógica da produção de uma Geografia crítica, na qual se pode exercitar na prática a leitura de mapas, a distribuição espacial dos fenômenos e,

3 Organização dos Estados Americanos.

principalmente a diplomacia, pois eles se colocam como delegados simulando a função de diplomatas ou chefes de Estado.

Quanto à importância de temáticas que provocam a leitura espacial, Castrogiovanni e Costella (2006, p. 7) defendem que a Geografia Crítica busca a superação das desigualdades, pois a história do capitalismo leva à seletividade, estabelece uma divisão territorial e social das ações, diferencia, cria e privilegia lugares.

A simulação da OEA foi uma oportunidade para os alunos exercitarem a cartografia, a leitura de mapas e a espacialidade como um todo, pois precisavam não apenas localizar e compreender o contexto dos países que cada aluno representava, mas também, estudar outros países e suas múltiplas problemáticas para que pudessem fluir as discussões e formular propostas.

Outra questão que nos faz refletir e apostar nesse formato metodológico é:

Temos sentido que a escola está cada vez mais distante dos educandos, fazendo com que acabem presenciando mais conflitos do que trocas, mais vazios que satisfações. Essa é uma realidade que professores de escolas públicas e privadas enfrentam durante a obrigatoriedade dos seus duzentos dias letivos. Temos a sensação de que embora a escola procure incluir, internamente pelas práticas oferecidas parece excluir (CASTROGIOVANNI; COSTELLA, 2006, p. 8).

Logo, acreditamos que o formato de simulações se constitui como um importante instrumento potencial para romper com a lógica inerte de indiferença no ambiente escolar, tanto dos educandos, quanto dos educadores.

Inquietações frente ao desafio do ensinar

Nossa experiência é calcada principalmente nas ideias do suíço Jean Piaget, ou seja, no Construtivismo. A teoria propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado mediante a experimentação, partindo de habilidades propostas pelo professor. Há a valorização da experiência pessoal do aluno, o estímulo à dúvida e à busca do desenvolvimento do raciocínio. Também cabe destacar a necessidade de se pensar na aprendizagem como um processo: subjetividade e os reflexos nos fazem agir, até mesmo para nos inserirmos em determinados grupos:

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento (BECKER, 1992, p. 21).

Portanto, uma aula que se limita a pó e giz, com um professor apenas ditando os “conteúdos” aos alunos, não proporcionará situações para aprendizagem. Assim, adotamos o Construtivismo e, por consequência, o projeto de simulações como alternativa a esse viés tradicional. Cremos que somente a partir da ação e do protagonismo do aluno é que ele vai estabelecendo as propriedades dos objetos e construindo as características do mundo, ou seja, vai se tornando competente para ser um ator social constituído de cidadania.

Habilidades como compreender o espaço, a paisagem, a região,

o território e o lugar como categorias que explicam as transformações da sociedade em uma perspectiva crítica surgem da própria interação da criança ou adolescente com o meio em que vive, e isto na Geografia é essencial. Vão sendo formados esquemas que lhe permitem agir sobre a realidade de um modo muito mais complexo do que podia fazer com seus reflexos iniciais, e a sua conduta vai enriquecendo-se constantemente; suas competências vão alargando-se em forma de espiral, como é o conhecimento. Assim, constrói um mundo de objetos e de pessoas onde começa a ser capaz de fazer antecipações sobre o que irá acontecer.

Baseados nesses procedimentos é que procuramos conduzir nossas aulas de preparação e a culminância no dia da simulação, acreditando no projeto de simulação como alternativa que foge do tradicional e que causem desequilíbrios. Em muitos casos, pode parecer um pouco diferente para os alunos, uma vez que estão acostumados a um sistema automático, mais tradicional; por outro lado, temos a potência do desafio e do protagonismo. Mas, como no Colégio o conceito é mais presente e praticado, os alunos aceitaram com naturalidade a proposta.

Segundo os DCNs ((DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS), complementando a temática aqui proposta, encontramos que

A formação básica a ser buscada se realizará pela constituição das competências, habilidades e disposições de conduta do que pela quantidade de informação. Aprender a aprender e a pensar, a relacionar o conhecimento com dados da experiência cotidiana, a dar significado ao aprendido e a captar o significado do mundo, a fazer a ponte entre teoria e prática, a fundamentar a crítica, a argumentar com base em fatos, a lidar com o sentimento que a aprendizagem desperta (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS GERAIS

DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 130-131).

Portanto, os PCNs também apontam suas bases sobre o método Construtivista, no qual interpretamos, por exemplo, a importância do “erro” e a exposição de ideias, não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. Durante as simulações não sabemos exatamente os rumos que tomarão as discussões, até por isso o professor toma o papel de mediador, mas o protagonismo é todo dos alunos.

A teoria construtivista condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno. Ao contrário, as disciplinas devem estar voltadas para a reflexão e autoavaliação; portanto, a escola não é considerada “rígida”, o que não quer dizer falta de comprometimento e disciplina. Mais do que uma linha pedagógica, o Construtivismo é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida.

O constante desafio é que ser professor, ainda mais de uma disciplina tão fantástica como é a Geografia, nos faz pensar e repensar, antes de qualquer coisa, em para que serve o ensino de Geografia. O espaço geográfico, tenso e dinâmico, não cabe dentro de nossas expectativas acadêmicas, pois somos constantemente surpreendidos por novas complexidades envolvendo objetos e ações. Todavia, tentando equacionar esta aparente contradição com a questão posta anteriormente, voltemos à questão: Para que serve o ensino de Geografia? Uma resposta interessante é posta por Lacoste:

É justamente o interesse crescente – e não o desinteresse para que se passa no mundo – o que determina, em grande parte, as dificuldades dos professores de Geografia, a relação

pedagógica veio a ser transformada, pois o mestre não tem mais, como outrora ou como acontece ainda com outras disciplinas, o monopólio da informação [...] hoje, mestre e os alunos recebem ao mesmo tempo, simultaneamente com as atualidades, uma massa de informações geográficas, caóticas. Geografia em pedaços, o ocasional, o espetacular, sem dúvida, mas Geografia de qualquer forma (LACOSTE, 1988, p. 182).

Assim sendo, a Geografia instiga no professor ser um constante pesquisador para ser motivador, a partir do grande desafio que é fazer a mediação e conexão entre os aparentes recortes que constituem o espaço geográfico.

Portanto, além de procurarmos romper com paradigmas e trazer o novo para a sala de aula, salientamos o cunho Construtivista que marca nossos planos e projetos de aulas, assim como essa produção textual.

Objetivos e pressupostos metodológicos

O objetivo deste trabalho é relatar nossa experiência de prática pedagógica, exercida no Colégio Mãe de Deus, de Porto Alegre/RS, ano de 2018, com as turmas de segunda série do Ensino Médio (Turmas 201 e 202), no segundo semestre do mesmo ano. Tínhamos como proposta para as aulas desenvolver competências como relacionar, associar e, principalmente, desenvolver o poder crítico, propiciando a construção de novas relações espaciais para possibilitar ao aluno a descoberta de um novo olhar, por meio da desconstrução de paradigmas preestabelecidos, muitas vezes simplistas e até preconceituosos, sobre a maioria dos países americanos, em especial os Latinos.

De modo mais sintético e destacando nossa proposta pedagógica, ou seja, nossas intenções para a aula enquanto possibilidade de aprendizagem por parte dos alunos, nosso objetivo era criar condições para que os alunos reconstruíssem noções sobre a instabilidade que historicamente rondam as democracias americanas. Para isso, foi essencial estudar o que significam os Direitos Humanos e a Democracia, as diferentes abordagens ideológicas acerca do tema, perceber os possíveis interesses econômicos por trás da temática e reconstruir suas noções sobre o que é Democracia a partir de uma abordagem crítica.

Acreditando que a aula sempre deve trazer algo novo, inquietante, para iniciarmos nossos trabalhos em sala de aula sobre a reconstrução de noções sobre “O combate à corrupção e o fortalecimento das democracias fragilizadas na América”, procuramos logo pelo desequilíbrio, trazendo notícias, confrontando o senso comum que ronda os tempos atuais, as *fake news*, problematizando o sentimento de autossuficiência expresso por muitos alunos, pois essa é a essência do modelo construtivista. Ou seja, restabelecer paradigmas por meio da desacomodação. “A habilidade do professor está no novo, não na reprodução; está no desafio de alterar, através de práticas criativas e sempre contemporâneas” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 24).

Apoiados nessas premissas, orientamos bibliografias, *sites*, materiais e pequenos debates prévios antes da simulação final. No dia da simulação final, os alunos compareceram com vestimenta formal, num ambiente que contou com placas, púlpito e bandeiras dos países, o que aumentou a formalidade e a “veracidade” para os alunos em representarem seus respectivos países. A intenção era provocá-los sobre possíveis relações entre a situação interna e externa dos países, frente a sua própria condição institucional, fazendo com que eles viessem a pensar sobre os possíveis desfechos que suas

decisões poderiam acarretar. Junto a isso, propusemos situações para as quais os alunos deveriam levantar hipóteses sobre os possíveis interesses econômicos, sociais e ambientais inter-relacionados, além dos diferentes pontos de vista quanto ao “problema” em questão. Devido à diversidade de visões e às novas possibilidades de desenvolvimento da simulação, deve-se ressaltar o seguinte:

A cada nova provocação ou assunto que surge, há que sistematizar as novas discussões. [...] Também são importantes novas leituras para evitar a simples reprodução do que se sabe de “orelha”. Apontar as contradições: sobre uma mesma questão ou solução pode-se ter muitas visões. Isso vai criando neles, se insistirmos na análise crítica e no registro, uma maior desenvoltura em termos de argumentação e raciocínio (KAERCHER, 2002, p. 142).

Portanto, embora a simulação estivesse planejada e com objetivos dirigidos, os rumos dos debates não são rígidos, podendo os alunos encaminhar soluções por vezes distantes das situações reais. A necessidade do registrar, da pesquisa, inclusive durante a simulação em relação ao que está se aprendendo e ensinar o que os alunos demonstram maior interesse, desde que seja coerente com a aprendizagem geográfica, pareceu ser um bom (re)curso metodológico. Assim, procuramos proporcionar situações pedagógicas nas quais os alunos construíssem habilidades e competências. Relacionar, nesse caso, foi fundamental para que fossem criadas e refutadas hipóteses sobre as Crises Democráticas. São as decisões globais agindo sobre as locais, refletidas em nossas práticas do dia a dia, reeducando o olhar para outra forma de ver a geopolítica, atingindo até mesmo o questionamento de paradigmas relativos às migrações, aos níveis de padrão de consumo e de novos hábitos ditos ecológicos – verticalidades e horizontalidades (SANTOS, 2006).

Para dar maior embasamento, levamos vídeos e notícias que eram disponibilizadas em meio às discussões, como se fossem produzidas por diferentes veículos de imprensa, o que fomentou e deu dinamicidade ao debate. Naturalmente, os pontos de vista eram distintos, mas o fato de os alunos terem que representar a posição do país, e não a sua posição pessoal, aguçou a participação deles, que opinavam, criticavam, mostravam-se interessados tanto nos aspectos ideológicos e mercadológicos quanto nos ambientais.

O que pudemos sentir quanto ao interesse dos alunos foi uma predisposição para o ato de aprender, motivados pelas situações que foram surgindo no decorrer da preparação e da simulação.

Considerações finais

Consideramos que a proposta foi exitosa, uma vez que conseguimos desequilibrar os alunos quanto aos paradigmas preestabelecidos, a respeito das crises democráticas e quanto à necessidade de fortalecê-las. Os alunos traziam construções embasadas principalmente nas informações veiculadas na mídia sensacionalista, o que nos permitiu problematizá-las e aperfeiçoá-las. Ao final acreditamos ter proporcionado uma reconstrução com maior grau de complexidade, conseqüentemente, mais crítica em relação a um tema tão contemporâneo como esse.

Por tais resultados, nosso objetivo é relatar aos demais colegas leitores uma alternativa possível para transformar as aulas de Geografia mais atraentes aos olhos dos alunos. Fica mais claro a nós próprios, educadores, que há construção do conhecimento por parte dos alunos quando propiciamos situações férteis. Não acreditamos na aula perfeita ou na aplicabilidade da teoria em um passo a passo sem percalços; mas, acreditamos na aula proveitosa, enriquecedora, provocativa e aberta às interpretações possíveis e em acordo com o que o aluno já traz consigo.

No decorrer da preparação e na simulação final, foi possível perceber nos alunos um maior entendimento do que é e qual a importância da Democracia e da Geopolítica, e também quanto às diferentes abordagens que podemos fazer. Para finalizar, cremos que a reconstrução da noção de Democracia e da sua importância por uma abordagem crítica só foi possível porque confrontamos ideias, demonstrando-as com os recursos utilizados, mas também porque confrontamos a teoria com um modelo prático. O modelo de simulação é uma alternativa aplicável a assuntos de base teórica, com certa clareza epistemológica; desse modo, talvez, tenhamos atingido um dos grandes objetivos de qualquer professor: a práxis.

De modo mais sintético e destacando nossa proposta pedagógica, ou seja, nossas intenções para a aula enquanto possibilidade de aprendizagem por parte dos alunos, nosso objetivo era criar condições para que os alunos reconstruíssem leituras sobre o nosso continente (não de maneira isolada) e valorassem o apreço pela Democracia.

Referências

BECKER, Fernando. Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos. *In: Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. **Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos**: a alfabetização espacial. 1ª edição. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2007.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. *In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. 1ª Edição. Editora Mediação, Porto Alegre, 2002.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 3ª edição. Editora Papyrus, Campinas, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 3ª edição. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato
15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 510 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
Agosto de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Este livro e seus respectivos capítulos exprimem as inúmeras abordagens do complexo teórico e metodológico que envolve a pesquisa acadêmica e a discussão de temas relacionados com a Formação Docente, o Ensino de Geografia e o Livro didático e que são fundamentais para a compreensão da Geografia Escolar. Foi organizado com a intenção de incentivar os novos pesquisadores por meio da publicação de seus artigos, ou seja, aqueles apresentados no XVIII ENANPEGE, em São Paulo, 2019, e fomentar ainda mais a rede com novas perspectivas de Formação Docente, do Ensino de Geografia e do Livro Didático em âmbito nacional, com a reunião de publicações de diversos grupos de pesquisas, em diferentes linhas de Ensino de Geografia nos Programas de Pós-Graduação em Geografia de Universidades localizadas em todas as regiões brasileiras.

